

“Falaram que aqui era um deserto, mas estamos vivos e estamos aqui”: Caminhos para o ensino da história e cultura indígena na escola.

PEREIRA, Danielle Krislaine.

Cita:

PEREIRA, Danielle Krislaine (2017). *“Falaram que aqui era um deserto, mas estamos vivos e estamos aqui”: Caminhos para o ensino da história e cultura indígena na escola. XVI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia. Facultad Humanidades. Universidad Nacional de Mar del Plata, Mar del Plata.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-019/713>

“Falaram que aqui era um deserto, mas estamos vivos e estamos aqui”: Caminhos para o ensino da história e cultura indígena na escola.

Danielle Krislaine Pereira¹

As reflexões apresentadas neste texto integram minha pesquisa de mestrado, em desenvolvimento, portanto, os resultados são parciais. No procedimento de elaboração da pesquisa, o intuito é aprofundar mais o estudo através de diferentes autores para uma investigação sobre a forma que os livros didáticos abordam a identidade brasileira e possíveis soluções para os atuais problemas.

A pesquisa tem como problemática o seguinte questionamento: como avançar na direção de um ensino/aprendizagem mais significativo sobre as sociedades indígenas?

Deseja-se, com essa problemática, conhecer quais as análises sobre a temática apresentada nos livros didáticos, e ouvir diferentes sujeitos envolvidos, com a intenção de compreender as possibilidades acerca do estudo da história e cultura indígena na escola.

A escolha pelo objeto de pesquisa que aqui se apresenta é reflexo de dois acontecimentos do ano de 2016. O primeiro diz respeito ao Programa Nacional do Livro Didático – PNLD - de 2017, cujos resultados indicaram lacunas importantes sobre a temática indígena nos livros didáticos atuais. Segundo consta no texto introdutório do Guia PNLD 2017 (BRASIL, 2016), o tratamento da temática indígena ainda se coloca como o componente mais frágil no conjunto das obras didáticas aprovadas, e a equipe que trabalhou com a avaliação dos livros chama a atenção de professores, pesquisadores e editores para a importância de investir em pesquisas relacionadas a temática indígena.

Outro acontecimento ocorreu no Museu Histórico do Município de Londrina, logo após o Seminário sobre Culturas Indígenas e Patrimônios Museológicos no Norte do Paraná, realizado no período de 27 a 30 de junho de 2016.

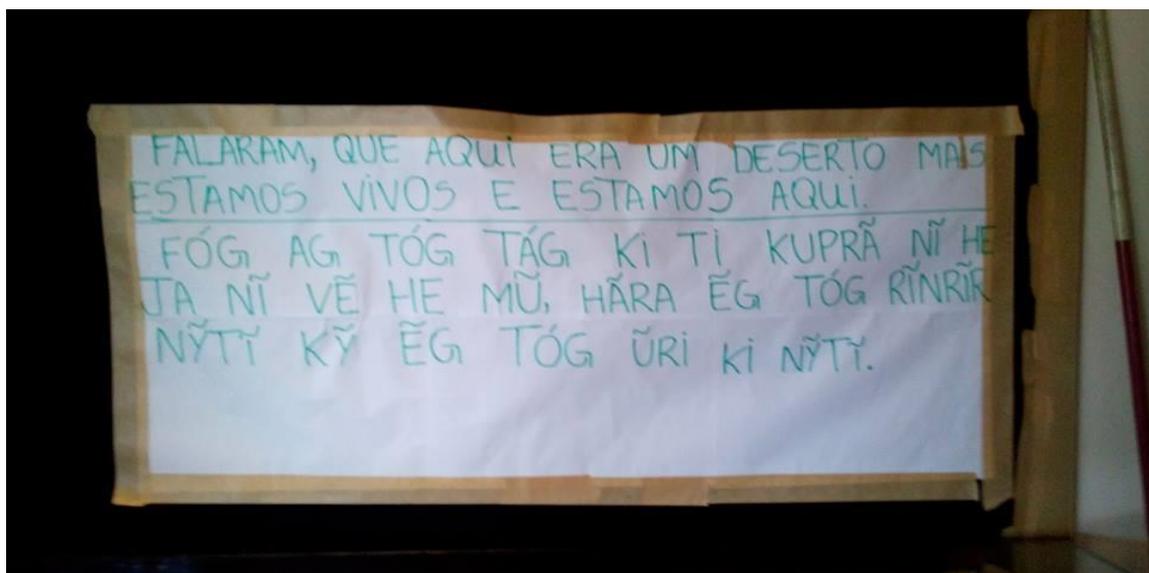
Naquele local, logo na entrada da exposição está alocado um painel com um texto sobre a chegada dos colonizadores na região onde hoje situa-se a cidade de Londrina. Em tal texto consta a seguinte inscrição frase: “...essa terra era vazia de gente...”. Durante o evento, em um ato de protesto, Indígenas Kaingang, da Aldeia Apucarantina, situado no município de Londrina, cobriram o painel com um pano preto

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina – PR, Brasil. E-mail: danikrislayne@hotmail.com

e escreveram no pano, em português e em kaingang “Falaram que aqui era um deserto, mas estamos vivos e estamos aqui”. Como mostra as imagens abaixo:



Fonte: Amauri Ramos Silva



Fonte: Própria autora.

Assim, esses dois fatos citados foram de suma importância para compreender e reafirmar a importância de trabalhar a temática indígena, de modo a abordar o apresentado no livro didático, mas também apontando para o desafio de avançar no sentido de investigar quais as possibilidades para o ensino da cultura indígena na escola.

O ENSINO DOS POVOS INDÍGENA NO CENÁRIO EDUCACIONAL BRASILEIRO

A questão indígena nos remete às grandes polêmicas e contradições que permearam o pensamento brasileiro ao longo do tempo. Do índio selvagem e sem cultura ao índio romanceado pela literatura, os povos indígenas receberam diferentes representações e definições. Nesse viés, vale a contribuição de Márcio Santilli (2000,p.13) nas melhores definições, índios são os outros, os que não somos nós, os que se afirmam como outros.²

O primeiro contato entre índios e não índios ocorreu no ano de 1500 e foi inusitado para ambas as partes, pois os povos eram muito diferentes e pertenciam a culturas distintas. Diante disso os povos indígenas foram alvo de diferentes percepções e julgamentos quanto às suas características e costumes.

Os navegadores portugueses chegaram a considerar que estavam no “paraíso”, como descreve Manuela Carneiro da Cunha (1992, p.9), os portugueses se sentiam como o “novo Adão. (...) A cada lugar, o nome do santo do dia: Todos os Santos, São Sebastião, Monte Pascoal”.³

Uma visão limitada, discriminatória e preconceituosa norteou o pensamento dos brasileiros por algum tempo e ainda se faz presente no imaginário da sociedade contemporânea. Diante disso, percebemos que há uma negação da existência do índio na formação da identidade brasileira. Isso ocorre devido à falta de informações e/ou por informações incoerentes que estão presentes em muitas salas de aula.

Poucos conhecem a história dos indígenas brasileiros, geralmente o que ouvimos a respeito dos indígenas desde a época da colonização até recentemente, são versões de indígenas selvagens, com cultura inferior, ingênuos e de forma romantizada.

A questão indígena é pouco valorizada na nossa história, representada com preconceitos e visões estereotipadas. Desse modo, as políticas públicas educacionais e as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 surgiram para a efetivação da diversidade cultural nos currículos e nas práticas escolares, com o intuito de minimizar essas visões errôneas.

Para Faustino (2006, p. 98), uma das estratégias da política do multiculturalismo e interculturalidade é a de tentar articular desigualdade com diferença e estabelecer uma

² Márcio Santilli, *Os brasileiros e os índios*, (São Paulo : Editora SENAC,2000),13.

³ Manuela Carneiro Cunha, *História dos índios no Brasil* (São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAFESP, 1992),9.

fabulosa plataforma de ações educativas que prometem promover a inclusão e resolver o problema da integração das minorias.⁴

A Constituição de 1988 foi um marco importante para os povos indígenas, pois a partir dali alcançaram direitos que os amparam e resguardam

A mudança profunda que a Constituição de 1988 introduziu foi o reconhecimento de direitos permanentes aos índios. Ela abandona a tradição assimilacionista e encampa a ideia – a realidade dos fatos – de que os índios são sujeitos presentes e capazes de permanecer no futuro. (SANTILLI, 2000,p.29)⁵

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB nº 9.394/96), é o instrumento jurídico mais importante da educação, e assegura-se o respeito à cultura dos indígenas. Consta no seu artigo 3º que na educação deve haver igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento (BRASIL, 1996).⁶

No artigo 78 percebemos uma conquista referente à educação indígena. Dispõe-se que:

Art. 78. O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngüe e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos: I. proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências; II. garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias. (BRASIL, 1996).

Já no seu artigo 79 há uma afirmação visto que a União apoiará tecnicamente e financeiramente os sistemas de ensino no provimento da educação intercultural às comunidades indígenas, desenvolvendo programas integrados de ensino e pesquisa. (BRASIL, 1996).

Também se torna relevante relatarmos sobre os PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais, que foram elaborados a partir de muitos estudos, com a participação de professores universitários, instituições públicas e privadas, técnicos de

⁴ Rosângela Célia Faustino, *Política educacional nos anos de 1990: o multiculturalismo e a interculturalidade na educação escolar indígena*. Tese de doutorado - Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis,2006), 98.

⁵ Márcio Santilli, *Os brasileiros e os índios*, (São Paulo : Editora SENAC, 2000), 29.

⁶ Lei nº 9.394, *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, (Brasília: MEC, 1996).

secretarias municipais e estaduais, educadores de diferentes áreas de conhecimento. Suas versões preliminares datam de 1995 e 1996, sendo lançados efetivamente em 1998.

No cenário nacional, um ano após a promulgação da LDB 9.394/96, o Governo Federal colocou em circulação os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – para o primeiro (1ª e 2ª séries) e o segundo (3ª e 4ª séries) ciclo da escola fundamental. O destaque da proposta foi para um trabalho voltado para os quatro pilares da educação do futuro : aprender a ser, a fazer, a aprender e a conhecer. (OLIVEIRA,2009,p.123).⁷

Os PCN's são considerados um referencial para a educação do Ensino Fundamental em todo Brasil.

Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menos contato com a produção pedagógica atual.(BRASIL,1997,p.13)⁸

Esse documento surge como possibilidade de melhorar o ensino brasileiro. São divididos em dez volumes: um documento de introdução, seis documentos referentes às áreas de conhecimento: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia, Arte e Educação Física, e por fim três volumes referentes aos Temas Transversais: Ética, Saúde, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo e Pluralidade Cultural.

Fundamenta-se a introdução do tema Pluralidade Cultural, devido a importância de trabalhar em sala de aula diferentes temas como o preconceito, o racismo, a imigração, as diversas religiões e as diferentes culturas.

É sabido, que apresentando heterogeneidade notável em sua composição populacional, o Brasil desconhece a si mesmo. Na relação do país consigo mesmo é comum prevalecerem vários estereótipos, tanto regionais quanto em relação a grupos étnicos, sociais e culturais. Historicamente, registra-se dificuldade para se lidar com a temática do preconceito e da discriminação racial/étnica. O país evitou o tema por muito tempo, sendo marcado por “mitos” que veicularam uma imagem de um Brasil homogêneo, sem

⁷ Sandra Regina Ferreira de Oliveira, *Educação histórica e a sala de aula: o processo de aprendizagem em alunos das séries iniciais do ensino fundamental*. Tese de doutorado em Educação - Unicamp, 2006, 123.

⁸ Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais : Introdução*/Secretaria de Educação Fundamental. (Brasília : MEC/SEF, 1997) ,13.

diferenças, ou, em outra hipótese, promotor de uma suposta “democracia racial. (BRASIL,1997,p22) ⁹

A pluralidade cultural é tratada dentro dos eixos transversais, dessa forma todas as matérias devem trabalhar esta temática, proporcionando a interdisciplinaridade e contribuindo para a construção de uma sociedade pluriétnica e pluricultural, respeitando as diferenças, os valores, os costumes e as tradições dos povos brasileiros e proporcionando um melhor conhecimento da história, cultura, valores desses povos que formam a identidade brasileira.

No ano de 2008 foi promulgada a lei 11.645/2008 com o intuito de possibilitar, através do ensino, novas formas de interação e da valorização da diversidade sociocultural brasileira.

Essa Lei altera a Lei 9.394, já modificada pela lei 10.639, e inclui no currículo oficial da rede a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.”

Art. 1º O art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação: “Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” ¹⁰

Segundo BERGAMASHI, GOMES (2012, p. 58) a lei 11.645/2008 surge com intuito de mudar os conceitos preconceituosos e discriminatórios em relação a esses povos, pois eles reivindicam imagens, pensamentos e atitudes mais condizentes com a realidade a seu respeito.

⁹Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais : Pcn Pluralidade cultural.* (Brasília : MEC/SEF, 1997),22.

¹⁰ Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.* (Brasília: MEC, 1996)

Através dessa lei, esperava-se um grande avanço no ensino indígena, no entanto, sabemos que outras medidas são necessárias, pois a imagem do índio estereotipado ainda esta presente na sala de aula, proporcionando conhecimentos equivocados.

Constatamos que o ensino indígena sofreu alterações ao longo dos anos, seja através da LDB 9394/96, bem como os PCN's, ou com a Lei 11.645/08. O grande propósito é oferecer um estudo mais eficaz sobre as diferentes culturas que fazem parte da sociedade brasileira.

Acredita-se que somente através da educação conseguiremos combater o preconceito e a discriminação, possibilitando um diálogo entre diferentes culturas que emerge esse país pluriétnico.

Não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas. No entanto, cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados (MUNANGA, 2005, p.17).¹¹

LIVROS DIDÁTICOS E O ENSINO DE HISTÓRIA: DELIMITAÇÕES E DESAFIOS

A educação, segundo Marín (2003. p. 2), possibilita a preservação da diversidade cultural e cria um espaço democrático, dando lugar ao encontro e à convivência entre diferentes culturas.

Partindo – se dessa premissa, entendemos que os conteúdos referentes a diferentes etnias que formam as identidades brasileiras devem ser estudados desde os anos iniciais da Educação Básica.

Os alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental geralmente são crianças que apresentam muita curiosidade e se envolvem com os temas tratados nessa primeira etapa da vida escolar.

Mas esse ensino nem sempre foi valorizado, e ocorreram muitas indagações ao longo das últimas décadas. Autores influenciados pela teoria piagetiana afirmavam que o pensamento infantil era operacional concreto e que, portanto, as crianças não conseguiriam compreender História, pelo fato de ser considerada uma disciplina composta por conceitos abstratos e distantes no tempo.

¹¹ Kabengele Munanga, *Superando o Racismo na escola*.(Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005), 17.

De acordo com Oliveira (2003) poucos historiadores interessam-se pelo processo de construção do conhecimento histórico em crianças. Muitos sequer acreditam na possibilidade da criança aprender história nas séries iniciais.

Segundo Barca (2000), esta discussão refletiu sobre o lugar da História no currículo e em estudos sobre o pensamento dos alunos acerca da História, fazendo com que esta disciplina fosse até retirada do currículo das séries iniciais de alguns países durante a década de sessenta e início da década de setenta.¹²

Atualmente, no Brasil, o ensino de História está presente desde os primeiros anos do Ensino Fundamental. Porém tal ensino, assim como o ensino Geografia e Ciências, ainda ocupam pouco espaço no dia a dia das salas de aula pois, nos anos iniciais, os professores se dedicam mais às disciplinas de Português e Matemática.

No que tange à História, alguns professores, mesmo cientes das mudanças historiográficas e metodológicas, ainda desenvolvem trabalhos a partir da perspectiva tradicional de ensino.

Deste modo, no processo de ensino e aprendizagem, os livros didáticos tornam-se um recurso básico para o aluno e para o professor, pois acabam sendo o principal, senão o único, recurso didático utilizado na sala de aula.

As autoras Santiago e Dias, definem a importância dos livros didáticos, com as seguintes palavras:

Este, juntamente com as disciplinas e o currículo, encontra-se inserido no interior de uma cultura escolar, exercendo um papel fundamental na escola, posto que o mesmo é canal de transmissão das ideologias de valores, mitos, estereótipos. Nesse sentido, é portador de um saber articulado às finalidades sócio-políticas e culturais de uma dada sociedade. (SANTIAGO, DIAS, 2009, p.01)¹³

Bittencourt (1998) alerta seus leitores para um aspecto importante quando diz que "[...] é necessário enfatizar que o livro didático possui vários sujeitos em seu processo de elaboração e passa pela intervenção de professores e alunos que realizam práticas diferentes de leitura e de trabalho escolar".¹⁴

¹² Isabel Barca, *O pensamento histórico dos jovens: ideias dos adolescentes acerca da provisoriedade da explicação histórica*. (Braga: Universidade do Minho, 2000).

¹³ Leia Adriana da Silva Santiago e Maria de Fátima Sabino Dias, *A questão indígena na cultura escolar no Brasil*. Revista Litteris, nº02, 2009. <http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/MicrosoftWordAquestaoindigena.pdf> Acessado em: 25 de abril de 2017.

¹⁴ Circe Bittencourt, *Livros didáticos entre textos e imagens*. In. _____(Org.). O saber histórico na sala de aula. 2. ed. (São Paulo: Contexto, 1998).

Segundo Moreno (2014) entendemos que textos e projeto gráfico (capa, iconografia, diagramação...) dos manuais didáticos nos revelam rupturas e continuidades em relação a discursos identitários refundados, questionados ou ressignificados.¹⁵

No Brasil, a existência da Lei 11.645/2008 nos leva a pressupor que ocorreram grandes mudanças sobre a temática indígena nos livros didáticos. Porém sabe-se que ainda há muito que se fazer para obtermos uma aprendizagem mais significativa sobre esses povos.

No PNLD de 2016, o problema do ensino sobre os povos indígenas nos livros didáticos já é anunciado e o mesmo volta a ser tratado no PNLD de 2017, que destaca claramente as lacunas existentes na abordagem da temática, mesmo após a lei 11.645/2008.

Segundo consta no texto introdutório do Guia PNLD 2017 (BRASIL, 2016) o tratamento da temática indígena ainda se coloca como o componente mais frágil no conjunto das obras didáticas aprovadas. Os gráficos apresentados no texto em questão indicam que nas coleções de livros aprovadas, identifica-se, dentre outras questões, que há pouco diálogo acerca da inserção desses grupos no presente.¹⁶

Nessa perspectiva, compreende-se que os livros didáticos são grandes aliados na hora de abordar o ensino indígena, porém, o leitor deve ter em mente que os esses livros apresentam uma forte carga ideológica, podendo transmitir as ideias, intenções e desejos que seus autores querem propagar, contribuindo na formação dos alunos e de sua identidade.

A História e seus vários registros contidos nos livros didáticos são sempre decorrência de escolhas de seus produtores e das circunstâncias que influenciaram essa produção. Por isso a necessidade de uma análise crítica sobre o que e como os manuais didáticos abordam as diferentes culturas e etnias que influenciaram a identidade brasileira.

A REPRESENTAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS BRASILEIRAS

¹⁵ Jean Carlos Moreno, *Quem somos nós* (Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2014).

¹⁶Ministério da Educação (mec). *PNLD 2017: história - Ensino fundamental anos finais* / Ministério da Educação, (Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2015).

Atualmente há diversas pesquisas desenvolvidas sobre análise dos povos indígenas nos livros didáticos de história. Desta forma, optei por trabalhar com essas pesquisas e não com os livros didáticos como fonte.

Através de consultas ao banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), foi possível verificar diversas pesquisas acadêmicas utilizando as palavras-chave: Ensino de História, Identidade Indígena, Cultura Indígena, Lei 11.645/2008 e Livros Didáticos. Após a leitura de vários resumos, selecionei cinco pesquisas seguindo o critério da contribuição mais direta com os encaminhamentos teóricos do nosso objeto de pesquisa. Para uma melhor visualização organizamos os trabalhos encontrados no Quadro 1 com suas informações principais.

Autoria	Título	Local e Ano de publicação	Palavras-chave
ROSA, Mayara Silvério Batista.	As representações dos indígenas no livro didático de história do ensino fundamental I (1º ao 5º ano) do ensino público de Campo Grande/MS.	Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco, 2012.	Cultura/identidade/diferença; educação; livro didático.
PALHARES, Leonardo Machado.	Entre o verdadeiro histórico e a imaginação criadora [manuscrito]: ilustrações sobre história e cultura dos povos indígenas em livros didáticos de História	Dissertação apresentada ao curso de Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.	Ensino de História, Livro Didático, História Indígena, História do Brasil, Ilustração histórica, Cultura Visual.
SOUZA, Gleice Keli Barbosa.	‘Os esquecidos da História e a Lei 11.645/08: Continuidades ou rupturas? Uma análise sobre a representação dos povos indígenas do Brasil em livros didáticos de História	Dissertação apresentada na área de Educação, Sociedade e Culturas, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2015.	Representação, Povos Indígenas, Livro Didático.
OLIVEIRA, Fernanda Alves da Silva	ENTRE A REALIDADE E O IMAGINÁRIO: As representações de indígenas na sala de aula e nos livros didáticos.	Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação <i>Strictu Sensu</i> em Territórios e Expressões Culturais do Cerrado da Universidade Estadual de Goiás, com o título , 2015.	Livros didáticos; Representações; Indígenas; Sala de aula.

PORFÍRIO, Welington Ernane.	Negros e indígenas nos livros didáticos: das lutas à obrigatoriedade – um estudo sobre o material do sistema positivo de ensino ,	Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso, 2015.	Livros didáticos; Ensino de História; Negros;Índios.
-----------------------------	---	--	--

Quadro 1: Principais informações das produções analisadas

Iniciamos a análise com a pesquisa de Mayara Silvério Batista Rosa, que primeiramente apresenta uma discussão sobre a importância dos conceitos de cultura, identidade e diferença e logo após desenvolve uma análise iconográfica e textual das duas coleções de livro mais usadas pela rede pública municipal de ensino da cidade de Campo Grande/MS, Coleção Projeto Prosa: História e a Coleção Aprendendo Sempre: História.

Segundo Rosa (2012), o objetivo geral da pesquisa é analisar a representação do indígena nos livros didáticos de História de 1º a 5º ano do Ensino Fundamental adotados pela Rede de Ensino Público de Campo Grande/ MS. Já os objetivos específicos consistiram em: a) Destacar o papel atribuído ao índio no livro didático de História do Ensino Fundamental I e estabelecer os interesses implicados; b) Identificar a concepção de cultura que pauta a representação dos indígenas; c) Observar se as narrativas sobre os indígenas no livro didático estão voltadas somente ao período colonial ou se o enfatizam também no contexto atual. ¹⁷

No mesmo ano, 2012, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais a dissertação intitulada “Entre o verdadeiro histórico e a imaginação criadora: Ilustrações sobre história e cultura dos povos indígenas em livros didáticos de História” de Leonardo Machado Palhares, compõem-se de uma análise das imagens sobre história e cultura dos povos indígenas em livros didáticos de História. Diante disso, o autor selecionou duas coleções de livros de História destinados às séries iniciais do Ensino Fundamental (2º ao 5º ano) no Brasil: História, Imagem & Texto e História no Dia-a-Dia.

De acordo com Palhares (2012) os objetivos estabelecidos na presente pesquisa consistem em: analisar comparativamente nas coleções de livros didáticos de mesmos autores e editoras que constam do Guia do PNLD 2004 e 2010, as representações da

¹⁷ Mayara Silvério Batista Rosa, *As representações dos indígenas no livro didático de história do ensino fundamental I (1º ao 5º ano) do ensino público de Campo Grande/MS*. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Católica Dom Bosco. 2012.

história e cultura dos povos indígenas; identificar os impactos da Lei 11.645/08 nessas coleções; identificar as ilustrações recorrentes nas coleções de livros didáticos de História aprovadas nos PNLDs 2004 e 2010 e indicadas para estudo neste projeto; analisar as ilustrações e suas relações com os conteúdos sobre a história e as culturas indígenas nas coleções escolhidas.¹⁸

A pesquisa de Gleice Keli Barbosa Souza, com a titulação “Os esquecidos da História e a Lei 11.645/08: Continuidades ou rupturas? Uma análise sobre a representação dos povos indígenas do Brasil em livros didáticos de História” pesquisou sobre as transformações ou continuidade da representação indígena após a Lei 11.645/08.

A pesquisa amparou-se na concepção de que os livros de história são objetos culturais e ao mesmo tempo importantes instrumentos de construção e propagação de discursos. Souza analisou a representação dos povos indígenas em duas coleções de livros didáticos de História, “Cavernas Terceiro Milênio”, e “História Sociedade e Cidadania”.

Em 2015, a pesquisa de Fernanda Alves da Silva Oliveira, “Entre a realidade e o imaginário: As representações de indígenas na sala de aula e nos livros didáticos”, propõe uma reflexão sobre as características da apresentação da história e da cultura indígena na sala de aula dos anos finais do Ensino Fundamenta, a pesquisadora exhibe uma análise da temática indígena nas coleções de livros didáticos: Vontade de Saber Português, Projeto Araribá Geografia e Projeto Araribá História, aponta algumas possibilidades de contornar possíveis problemas apontados pelas resenhas do PNLD, e por fim, analisa a avaliação dos professores sobre estes livros e sobre a temática em questão nos livros didáticos escolhidos.

Conforme Oliveira (2015) o objetivo central deste trabalho é, sobretudo, diagnosticar, mas também sugerir possibilidades para instigar o interesse e a discussão sobre a história e a cultura indígena na sala de aula a partir de textualidades indígenas.¹⁹

¹⁸Leonardo Machado Palhares, *Entre o verdadeiro histórico e a imaginação criadora: Ilustrações sobre história e cultura dos povos indígenas em livros didáticos de História*. Dissertação de Mestrado Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

¹⁹Fernanda Alves da Silva Oliveira, *Entre a realidade e o imaginário: As representações de indígenas na sala de aula e nos livros didáticos*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação TECCER da Universidade Estadual de Goiás, 2015.

Também no ano de 2015, com o título “Negros e indígenas nos livros didáticos: das lutas à obrigatoriedade – um estudo sobre o material do sistema positivo de ensino”, o autor Welington Ernane Porfírio analisa o livro didático do Sistema Positivo de Ensino, buscando compreender as mudanças e/ou permanências de conceitos e explicações acerca da temática da representação da África, afro-brasileiros e índios, nos livros didáticos da disciplina de História do Ensino Fundamental II após à aplicação da lei 11.645/2008.

Após analisar as dissertações citadas, tornou-se possível identificar quatro categorias que se sobressaem no tratamento da temática indígena nos livros didáticos de História. São elas: considerar todas as tribos homogêneas, ou seja, com a mesma cultura, a mesma crença e língua; relatar os povos indígenas com estereótipos; relatar os índios pertencentes somente ao passado e por último a falta de informações sobre esses povos.

No texto de José Ribamar Bessa Freire, “Cinco idéias equivocadas sobre os índios”, o índio genérico, sendo representado como um ser único e ausente de diferenças é o primeiro equívoco apresentado pelo autor.

A primeira idéia que a maioria dos brasileiros tem sobre os índios é a de que eles constituem um bloco único, com a mesma cultura, compartilhando as mesmas crenças, a mesma língua. Ora, essa é uma idéia equivocada, que reduz culturas tão diferenciadas a uma entidade supra-étnica (FREIRE, 2009, p.83)²⁰

Esse equívoco também é encontrado em todas as dissertações analisadas, nesse sentido, para explicitarmos as categorias, apresentaremos algumas análises das pesquisas já existentes.

A pesquisadora Rosa (2012) ao analisar o livro didático Projeto Prosa: História, do 2º ano, na Unidade 7, onde contém o título “É hora de diversão!” no qual relata as brincadeiras tradicionais das crianças indígenas, percebe-se que:

A maneira como as informações foram colocadas nessa unidade do livro didático de história destinado aos alunos do 2º ano, pode levar as crianças a entenderem que as brincadeiras relatadas por Daniel podem ser consideradas pertencentes a todas as etnias indígenas do Brasil, já que em nenhum momento, a não ser no Manual do Professor, material ao qual os alunos não têm acesso, as autoras explicam que essas são informações sobre a cultura

²⁰José Ribamar Bessa Freire, *Cinco idéias equivocadas sobre os índios*. In: SISS, Ahyas; Aloísio Jorge de J. Monteiro (Orgs.). *Educação, cultura e relações interétnicas*. (Rio de Janeiro: Quartet: EDUR, 2009), 83.

dos Mundurucu e que é possível que em outros povos indígenas, possam ser encontradas variações nessas brincadeira. (ROSA,2012,p.58)²¹

Na mesma categoria, o autor Palhares (2015) ao analisar a coleção História, imagem & texto apresenta o seguinte entendimento:

Acreditamos que os objetos colocados em cena são icônicos das histórias e culturas indígenas. Elas podem ao mesmo tempo favorecer a identificação identitária e cultural dos povos indígenas, mas, por outro lado, podem criar a idéia de uma univocidade cultural, ou mesmo de uma homogeneidade das culturas materiais indígenas.(PALHARES,2015,p.174)²²

O pesquisador Porfírio (2015) na página 99 de sua dissertação afirma que somente no subtítulo “Diferentes Povos, Diferentes Costumes”, que o texto ressalta que as diferenças entre os vários povos nativos não se resumiam a língua falada, mas também, no modo de vida, na tecnologia e na organização social adotada.²³

De acordo com a pesquisadora Souza ao analisar a Coleção História, Sociedade & Cidadania constatou que:

(...) o texto de Boulos ressalta a importância de não compreender os povos indígenas como um só, tal como já citamos. Todavia, a afirmação careceu de melhor fundamentação, haja vista que o autor não trouxe elementos, suficiente, para explicar e demonstrar essa diversidade. (SOUZA, 2015, p.91-92)²⁴

Na dissertação de Oliveira (2015) encontramos em alguns momentos explicações que proporciona um conhecimento eficaz dos povos indígenas, destacando que há diferenças entres os povos, entretanto, a pesquisadora também relatou situações que encontramos a nossa primeira categoria exposta de forma visível.

²¹ Mayara Silvério Batista Rosa, *As representações dos indígenas no livro didático de história do ensino fundamental I (1º ao 5º ano) do ensino público de Campo Grande/MS*. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Católica Dom Bosco. 2012, p.58

²² Leonardo Machado Palhares, *Entre o verdadeiro histórico e a imaginação criadora: Ilustrações sobre história e cultura dos povos indígenas em livros didáticos de História*. Dissertação de Mestrado Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, p.174

²³ Welington Ernane Porfírio, *Negros e indígenas nos livros didáticos: das lutas à obrigatoriedade – um estudo sobre o material do sistema positivo de ensino*. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso,2015.

²⁴ Gleice Keli Barbosa Souza, *Os esquecidos da História e a Lei 11.645/08: Continuidades ou rupturas? Uma análise sobre a representação dos povos indígenas do Brasil em livros didáticos de História*. Dissertação apresentada na área de Educação, Sociedade e Culturas, Universidade Estadual de Feira de Santana,2015, p.91-92

O livro didático *Projeto Araribá História* do 6º ano apresenta algumas fotografias de indígenas. A primeira imagem (Ilustração 62) é usada para exemplificar as diversas formações familiares existente no Brasil, demonstrando que entre os indígenas há diferentes formas de concepções de família, do mesmo modo que ocorre com os não indígenas .(OLIVEIRA,2015, p.141)

O livro simplifica acontecimentos e relações de contato extremamente complexas, e, ao tratar portugueses e franceses como “nações” e os indígenas como “tribos” e “populações nativas”, acaba por generalizar e inferiorizar as sociedades indígenas.(OLIVEIRA, 2015, p.146)²⁵

Outra categoria, citada em todas as dissertações, refere-se a imagem do índio estereotipada, sendo apresentado geralmente nu ou de tanga, no meio da floresta, de arco e flecha, tal como foi descrito por Pero Vaz de Caminha.

Palhares (2012) ao analisar a coleção *História, Imagem & Texto*, e verificar ilustração de algumas imagens do índio inseridas nos livros do 2º ao 5º ano , relata alguns estereótipos encontrados na coleção em questão.

Nessa perspectiva, culturas indígenas, européias e africanas são abordadas em temas como culinária, religião, artesanato e festas. Destacamos o segundo quadrinho, no qual a índia ilustrada é a única figura nua, o que reforça dois estereótipos: o do índio não-civilizado e o do índio puro.

(...) De todas as ilustrações, é interessante destacar que o índio — além de reconhecido por estar na floresta, desnudo, segurando uma lança, com pena na cabeça, pintura no rosto e ataduras em um dos braços e em uma das pernas é ilustrado cabisbaixo. (PALHARES, 2012, p.176)²⁶

A questão aqui posta não é a simples representação da lança na mão da criança, mas o que está solidificado como representação de práticas de brincadeiras indígenas: ou seja, na floresta como caçador, não lhe dando o direito de ocupar outros lugares na sociedade. Será que a criança branca não pode brincar com lança na floresta e o índio e o afro-brasileiro contemporâneos soltarem pipa? Ou até mesmo atender um celular num centro urbano lhe é interditado? Aliás, arte de fazer pipas: aprendida com os chineses e levada para a Europa e restante do mundo, como vários outros saberes, através dos encontros culturais humanos. A questão aqui posta é a da interculturalidade. (PALHARES,2012, p.191)²⁷

Nessa mesma categoria, a pesquisadora ROSA (2012) na *Coleção Aprendendo Sempre: História, 2º ano*, faz as seguintes colocações:

²⁵Fernanda Alves da Silva Oliveira, *Entre a realidade e o imaginário: As representações de indígenas na sala de aula e nos livros didáticos*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação TECCER da Universidade Estadual de Goiás, 2015, p.146

²⁶ Leonardo Machado Palhares, *Entre o verdadeiro histórico e a imaginação criadora: Ilustrações sobre história e cultura dos povos indígenas em livros didáticos de História*. Dissertação de Mestrado Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, p. 176

²⁷ Leonardo Machado Palhares, *Entre o verdadeiro histórico e a imaginação criadora: Ilustrações sobre história e cultura dos povos indígenas em livros didáticos de História*. Dissertação de Mestrado Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, p.191

Observando a imagem apresentada pelas autoras deste livro, podemos perceber que os índios que aparecem na foto são indígenas atuais e que na foto eles aparecem em uma construção que é facilmente ligada à cultura indígena e são retratados em um ritual típico de sua cultura e com vestimenta e instrumentos que estamos acostumados a ver atrelados à imagem do indígena brasileiro. Porém, a imagem escolhida pelos autores pode reforçar os estereótipos sobre o indígena, pois essa é uma imagem que se assemelha muito às descrições feitas pelos europeus quando do contato com os indígenas brasileiros (ROSA, 2012, p.94)²⁸

Sobre a categoria da apresentação dos índios como pertencentes somente ao passado é importante destacar que a pesquisadora Rosa faz uma análise geral do livro *Prosa* ao afirmar que apresentação dos povos indígena nos livros didáticos representa somente o passado.

Nenhum dos livros trata do índio urbano e familiarizado com os costumes do não índio. O indígena é sempre retratado no pretérito e aparece nos livros de história analisados apenas até o momento do ciclo do café, desaparecendo sem nenhuma prévia explicação ou justificativa. O indígena inserido no mundo globalizado é simplesmente ignorado na narrativa desses livros.(ROSA, 2012,p. 82)²⁹

Ao analisar as fotografias da mesma coleção citada referente ao 1º Ano, a autora traz a seguinte definição:

Ao observar as duas fotografias da Ilustração 2 é possível verificar que os autores selecionaram fotografias de escolas bem diferentes já que a escola indígena é pública e a escola do não índio é particular, mas a questão que chama a atenção aqui não é o fato de a escola ser particular ou não, mas sim o não respeito à diferença que pode ser percebido no caso das imagens aqui analisadas no fato da escola indígena ser apresentada como uma escola com configuração tradicional e a escola do não índio como uma escola menos tradicional. A escolha feita pelos autores colabora para que o discurso que atribui ao índio o papel de atrasado e exótico seja reafirmado, o que reforça o discurso colonial.(ROSA, 2012,p.49-50).³⁰

Na dissertação de Souza (2015) a pesquisadora comenta que :

A análise da representação dos povos indígenas no livro didático *História das Cavernas ao Terceiro Milênio*, nos fez perceber existe um trato superficial e lacunar. Os povos originários são representados como fósseis vivos de organização simples e em vias de extinção. As autoras não conseguem problematizar as questões que permeiam a contemporaneidade e relegam espaço para a história desses povos apenas no período colonial. A edição de 2011, pós Lei 11.645/08 incorre nas mesmas omissões e ideias deturpadas. Logo, as informações sobre a cultura e história dos povos indígenas que chega aos variados espaços escolares e sociais como um todo, por meio da

²⁸ Mayara Silvério Batista Rosa, *As representações dos indígenas no livro didático de história do ensino fundamental I (1º ao 5º ano) do ensino público de Campo Grande/MS*. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Católica Dom Bosco. 2012, p.94

²⁹ *Ibíd.*,82

³⁰ *Ibíd.*

referida obra, não cumpre com o seu papel, imposto e ao mesmo tempo conquistado, de valorização histórica desses povos.(SOUZA, 2015, p.112)³¹

Em relação a falta de informações ou informações superficiais sobre os povos indígenas foi possível perceber que todas as dissertações apresentaram em algum momento essa categoria.

Na dissertação de Porfírio (2015,p.93) no livro Positivo do 7º ANO, o pesquisador afirma que no Capítulo 1: Feudalismo não há nenhuma citação em relação à temática da África, negros e indígenas.³²

Isso também ocorre na dissertação de Oliveira (2015, p.154) “a resistência indígena é apontada ao longo do texto, porém, de forma pouco aprofundada. Tudo é feito em um espaço reduzido no livro didático (uma página).”³³

Na análise Rosa (2012) ainda há muita falta de informação ou silenciamento quando se trata dos povos indígenas.

O livro do Projeto Prosa destinado ao 2º ano do Ensino Fundamental, apresenta 8 unidades, das quais 3 mencionam iconograficamente ou textualmente os indígenas brasileiros. Nos outros cinco capítulos a temática permitia que o indígena fizesse parte da discussão, mas os autores parecem ter pensado não ser necessário trabalhar o indígena nos demais capítulos.(ROSA, 2012, p.51)

O livro destinado ao 3º ano do Ensino Fundamental possui 8 unidades no total sendo que em apenas 3 delas os indígenas são representados.(ROSA, 2012, p.59)³⁴

CONCLUSÃO

Por meio das dissertações analisadas percebemos que os autores de diferentes coleções utilizaram uma abordagem equivocada para representar os indígenas, pois os mesmos são apresentados de forma generalizada, fragmentada e estereotipada.

³¹ Gleice Keli Barbosa Souza, *Os esquecidos da História e a Lei 11.645/08: Continuidades ou rupturas? Uma análise sobre a representação dos povos indígenas do Brasil em livros didáticos de História*. Dissertação apresentada na área de Educação, Sociedade e Culturas, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2015, p.91-92

³² Welington Ernane Porfírio, *Negros e indígenas nos livros didáticos: das lutas à obrigatoriedade – um estudo sobre o material do sistema positivo de ensino*. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso, 2015, p.93.

³³ Fernanda Alves da Silva Oliveira, *Entre a realidade e o imaginário: As representações de indígenas na sala de aula e nos livros didáticos*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação TECCER da Universidade Estadual de Goiás, 2015, p.154

³⁴ Mayara Silvério Batista Rosa, *As representações dos indígenas no livro didático de história do ensino fundamental I (1º ao 5º ano) do ensino público de Campo Grande/MS*. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Católica Dom Bosco. 2012, p.59.

Alguns autores ao apresentar algumas características gerais dos grupos indígenas brasileiros, chegaram a mencionar que existem diferenças entre os mesmos, mas não avançaram no sentido de citar algumas e remeter ao leitor às especificidades e singularidades dos grupos.

As indagações apresentadas neste texto serão respondidas no prosseguimento desta pesquisa, continuando as análises de dissertações sobre essa temática e buscando possibilidades de se caminhar na direção de um ensino/aprendizagem mais potente sobre as sociedades indígenas tanto nos livros didáticos como na sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na história do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

BARCA, Isabel. **O pensamento histórico dos jovens: ideias dos adolescentes acerca da provisoriedade da explicação histórica**. Braga: Universidade do Minho, 2000.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida, GOMES, Luana Barth. **A temática indígena na escola: ensaios de educação intercultural**. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 53-69, Jan/Abr 2012.

BITTENCOURT, Circe. **Livros didáticos entre textos e imagens**. In. _____(Org.). O saber histórico na sala de aula. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL, Ministério da Educação (mec). **PNLD 2016: história - Ensino fundamental anos finais** / Ministério da Educação - Secretária de Educação Básica - SEB - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2015.

BRASIL, Ministério da Educação (mec). **PNLD 2017: história - Ensino fundamental anos finais** / Ministério da Educação - Secretária de Educação Básica - SEB - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2015.

BRASIL, Ministério da Educação (mec). **PCN Introdução.Brasilia;** mec,1997.

BRASIL, Ministério da Educação (mec). **PCN Pluralidade cultural.Brasilia;** mec,1997.

CUNHA, Manuela Carneiro. **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAFESP, 1992.

FAUSTINO, Rosângela Célia. **Política educacional nos anos de 1990: o multiculturalismo e a interculturalidade na educação escolar indígena**. Tese (doutorado)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2006. 334p.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Cinco idéias equivocadas sobre os índios**. In: SISS, Ahyas; MONTEIRO, Aloísio Jorge de J. (Orgs.). *Educação, cultura e relações interétnicas*. Rio de Janeiro: Quartet: EDUR, 2009.

MARÍN, J. **Globalização, diversidade cultural e prática educativa**. Curitiba: Revista Diálogo Educacional, v.4, nº8, 2003.

MELATTI, J. C. **Índios do Brasil**. 7.ed. São Paulo/Brasília: Hucitec/Ed. da UnB, 1993.

MONTEIRO, Aloísio Jorge de J. (Orgs.). **Educação, cultura e relações interétnicas**. Rio de Janeiro: Quartet: EDUR, 2009. p.80/105.

MORENO, Jean Carlos **Quem Somos Nós? Apropriações e Representações Sobre a(s) Identidade(s) Brasileira(s) em Livros Didáticos de História (1971-2011)**. Jundiaí, Paco Editorial: 2014.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na escola**. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

OLIVEIRA, Fernanda Alves da Silva. **ENTRE A REALIDADE E O IMAGINÁRIO: As representações de indígenas na sala de aula e nos livros didáticos**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação TECCER da Universidade Estadual de Goiás, 2015, 179 p.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de. **Educação histórica e a sala de aula: o processo de aprendizagem em alunos das séries iniciais do ensino fundamental**. 263p. Tese de doutorado em Educação. Unicamp, 2006.

PALHARES, Leonardo Machado. **Entre o verdadeiro histórico e a imaginação criadora: Ilustrações sobre história e cultura dos povos indígenas em livros didáticos de História**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. 226p.

PORFÍRIO, Welington Ernane. **Negros e indígenas nos livros didáticos: das lutas à obrigatoriedade – um estudo sobre o material do sistema positivo de ensino**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso, 2015, 133p.

ROSA, Mayara Silvério Batista. **As representações dos indígenas no livro didático de história do ensino fundamental I (1º ao 5º ano) do ensino público de Campo Grande/MS**. Dissertação (Mestrado) em Educação – Universidade Católica Dom Bosco. 2012, 160p.

SANTIAGO, DIAS, Leia Adriana da Silva, Maria de Fátima Sabino. **A questão indígena na cultura escolar no Brasil.** Revista Litteris, n°02, 2009. <http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/MicrosoftWordAquestaoindigena.pdf>
Acessado em: 25 de abril de 2017.

SANTILLI, Márcio. **Os brasileiros e os índios.** São Paulo : Editora SENAC São Paulo, 2000.

SOUZA, Gleice Keli Barbosa. **Os esquecidos da História e a Lei 11.645/08: Continuidades ou rupturas? Uma análise sobre a representação dos povos indígenas do Brasil em livros didáticos de História.** Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2015, 122p.